

BONECAS FEIAS: BRINCANDO COM PADRÕES CULTURAIS DO CORPO NA ARTE E NA CONTEMPORANEIDADE

AUTOR: CLÁUDIA DA SILVA PARANHOS; ORIENTADOR: ALICE JEAN
MONSELL

Universidade Federal de Pelotas – clauparanhos@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas – alicemondomestico@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo delinea minha atual pesquisa poética, à qual chamo “*Bonecas Feias*”, que desenvolvo em meu projeto de pesquisa no Mestrado em Artes Visuais na UFPel – linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, considerando as reflexões sobre estes objetos culturais enquanto corpos simbólicos. Por meio de experimentações com costura que originam desenhos sem esboços ou moldes, em tecido, podendo receber detalhes em tinta ou a lápis no próprio pano, direto na máquina de costura ou à mão, construo bonecos singulares desprovidos de padrões, modelos ou de gênero e, portanto, potentes por suas possibilidades poéticas. Tais objetos constituem o principal meio pelo qual observo e investigo as questões artísticas e culturais associadas a padronizações do corpo na arte e no contexto da sociedade contemporânea, particularmente em relação ao que se considera “belo” ou “feio”, as incertezas e o modo como a nossa construção de subjetividade possa ser influenciada. Artistas como Hans Bellmer, Laurie Simmons, Cindy Sherman e pensadores como Jean Baudrillard, Guy Debord, Félix Guattari e Umberto Eco dão base para minha pesquisa. Como uma primeira provocação à reflexão, com relação aos conceitos relativos de beleza e feiúra (os quais encontro embasamento em Umberto Eco), a denominação irônica *Bonecas Feias* se deve ao fato de sua criação inicial ser desprovida de exigências estéticas preestabelecidas.



Bonecas Feias, Cláu Paranhos, 2015/2016

2. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa em poéticas visuais enfatiza, primeiramente, a prática poética, que em meu projeto se trata da produção de bonecos e, desta prática, emergem as questões principais da pesquisa. Entretanto, minha produção e investigação vêm acontecendo também por meio da participação no processo criativo e reflexão sobre os bonecos junto ao público, através de *Oficinas de Bonecas Feias*.

As *Oficinas de Bonecas Feias* são vivências de grupo nas quais proponho a criação de bonecos de forma espontânea e intuitiva, através da costura manual, que venho realizando com públicos de diversas idades e em locais variados, nas cidades de Porto Alegre e Pelotas. Através das oficinas, posso analisar e explorar as possibilidades do tema e, simultaneamente, oportunizar que os participantes possam desenvolver sua própria linguagem e expressão pessoal. Para tanto, provoço diálogos sobre a cultura visual e a ludicidade desse objeto que venham a suscitar uma vontade e disponibilidade de produzir.

Minha produção de *Bonecas Feias*, geralmente acontece na máquina de costura, instrumento no qual tenho o mínimo de técnica e quase nenhum controle, a pouca habilidade tendo sido conquistada por teimosia, de maneira autodidata. O desenho do corpo se dá na agulha, com o pano ainda do avesso, o que me obriga à espontaneidade que talvez já não possua quando faço desenhos, ilustrações, pinturas, meios que supostamente já tenho intimidade. Quando finda essa primeira costura, desviro o avesso e, só então, se revela o que foi feito. Nesse processo, o qual é incompatível com qualquer planejamento ou previsão, não há molde, e sim apenas espontaneidade e entrega ao que vier - exatamente como nascem as pessoas reais, ou seja: diferentes, cada uma a seu modo, únicas. A partir desse primeiro momento é que surgirão, ou não, de forma intuitiva, os detalhes em tinta acrílica, ou lápis, botões, retalhos, pedaços de lã, algum acessório. Algumas permanecem nesse estágio inicial porque ficam de tal forma expressivas que não permitem acrescentar-lhes nada. Quando porventura ganham rostos, são pinturas de olhos arregalados, narizes grandes, bocas que vão de lado a lado da face. O desenho desses rostos traz características dos meus desenhos, que sempre foram caricatos. Como se os desenhos tivessem, subitamente, uma terceira dimensão. No entanto, podem também ter somente um olho na fronte limpa, feito de botão. Ou, ainda, utilizar imagens pré-existentes em algum tecido específico, como uma figura da própria história da arte já foi usada. Sobre a cabeça é possível haver cabelos ralos de lã ou careca. O corpo pode ser mais infantil, com roupas de pano ou pintadas a tinta; ou um corpo adulto, com seios e pelos pubianos. O gênero é indefinido na maioria das vezes. Os tamanhos variam entre caber na palma da mão até o tamanho de uma pessoa real. A criação é intuitiva e lúdica, seguindo uma vontade de expressão única daquele momento. A ação de permitir e dar vazão a esse fazer acaba por gerar esses seres tão diferentes e que vieram a chamar a minha atenção para outros aspectos. Os tropeços, os erros, constroem o percurso da criação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática da oficina em si é uma “produção” artística. Faz-se uma atmosfera de atelier onde assuntos se entrecruzam e surgem diálogos, conversas

sobre si, o mundo, a infância, a arte. Minha participação consiste em algum auxílio técnico quando solicitado e reforçar a importância de se permitir a produção escutando a si mesmo, desapegando de valores estéticos possivelmente incrustados, estando verdadeiramente presente. Mãos inquietas cortam, costuram, pregam botões, mesmo sem nunca tê-lo feito. Naquele instante, o grupo estaria imerso cada um em si mesmo e ao mesmo tempo no grupo, individual e coletivo, fugindo dos estereótipos ou fórmulas, produzindo subjetividade através da arte? Ao final, há uma conversa e posteriormente são enviados depoimentos por escrito, vindo a acrescentar dados à pesquisa bibliográfica.

4. CONCLUSÕES

Os bonecos estão presentes na cultura, conforme o que está colocado em *Childhood and Children: a compendium of customs, superstitions, theories, profiles and facts*, há aproximadamente quarenta mil anos, na Ásia e na África. Segundo Geddes, não há registros de bonecos pré-históricos porque, possivelmente, eram fabricados de materiais perecíveis como madeira, barro e couro. Não se sabe exatamente se eram objetos destinados a crianças, tendo em vista que a própria infância é um conceito que surge somente por volta do Séc. XIII, segundo Philippe Ariès (1978). Bonecos com finalidade de brinquedo, tal como conhecemos hoje, conforme Mefano (2005), no princípio eram feitos individualmente, de forma artesanal, através de uma confecção subjetiva e personalizada, atendendo a procedimentos tradicionais nas pequenas manufaturas familiares. No segundo pós-guerra, passaram a ser fabricados pelas indústrias, atendendo a uma demanda de mercado, e não mais de individualidades. Observo que, nesse processo, mais recentemente, passaram a ser criados bonecos cujo papel não se propõe mais a ser o de exercício da maternagem, já que, em vez de reproduzirem o corpo de bebês, reproduzem figuras de pessoas adultas. Assim, o boneco passa a ter um novo papel, o da projeção, ou seja, a criança passa a projetar-se no objeto, o qual é criado em escala industrial, padronizado, sugerindo um modo de ser segundo seus atributos físicos e comportamentais (roupas e modo de vestir, acessórios e bens de consumo que eventualmente acompanham o boneco – algumas bonecas têm carro, por exemplo).

O filósofo Jean Baudrillard, França (1929 – 2007), aponta que a personalidade e a individualidade são ameaças ao mercado, portanto desestimuladas. Penso que para o sistema social, então, passa a ser preciso criar uma nova mentalidade onde o consumidor aceite, aprove e busque a padronização para que não haja um encalhe destes bonecos padronizados nas prateleiras. Pode-se supor que a regularidade e insistência desses padrões em questão tenham o poder de adestrar nossos olhares, de modo que o mundo passe a ser lido através desses signos. Procuro, então, compreender os efeitos destes simulacros no cotidiano, bem como as suas “brechas” – os espaços ainda vazios para a existência de um desejo ainda não colonizado pelo capital.

As diversas manifestações do feio são mais ricas e imprevisíveis do que se pensa habitualmente. A feiúra, segundo Umberto Eco em *A história da feiúra* (2007), seria, inclusive, mais divertida do que a beleza. Félix Guattari, em *As três ecologias* (1990), analisa a crise mundial que afeta a subjetividade humana, as relações sociais e o meio ambiente. Segundo o autor, vivemos a decadência da subjetividade que possibilitaria o processo de uma re-invenção de todas as práxis humanas nos mais variados domínios. As *Oficinas* e, de certa forma, as próprias

Bonecas Feias, se pretendem um dispositivo de produção da subjetividade e singularização. As *Bonecas Feias* estimulariam a abertura desses participantes para seus próprios anseios?

Não ter a obrigação de acertar, de “fazer bonito”, traz em si a liberdade de produzir sem receitas e a possibilidade de perceber a própria produção (e a si mesmo) como relevante?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BARTHES, R. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. **O mito, hoje**. In: Mitologias. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contrapont, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DERDICK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

DIDI-HUBERMANN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

ECO, U. **História da Feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **História da Beleza**. 4ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GEDDES, J. B. **Childhood and Children: a compendium of customs, superstitions, theories, profiles and facts**. Phoenix: The Oryx Press, 1996.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 11 Edição. Campinas: Papirus, 1990.

THORNTON, S. **O que é um artista?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MEFANO, L. **O design dos brinquedos no Brasil: Uma arqueologia do projeto e suas origens**. 2005. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Design, Departamento de Artes & Design, PUC, Rio de Janeiro, 2005.